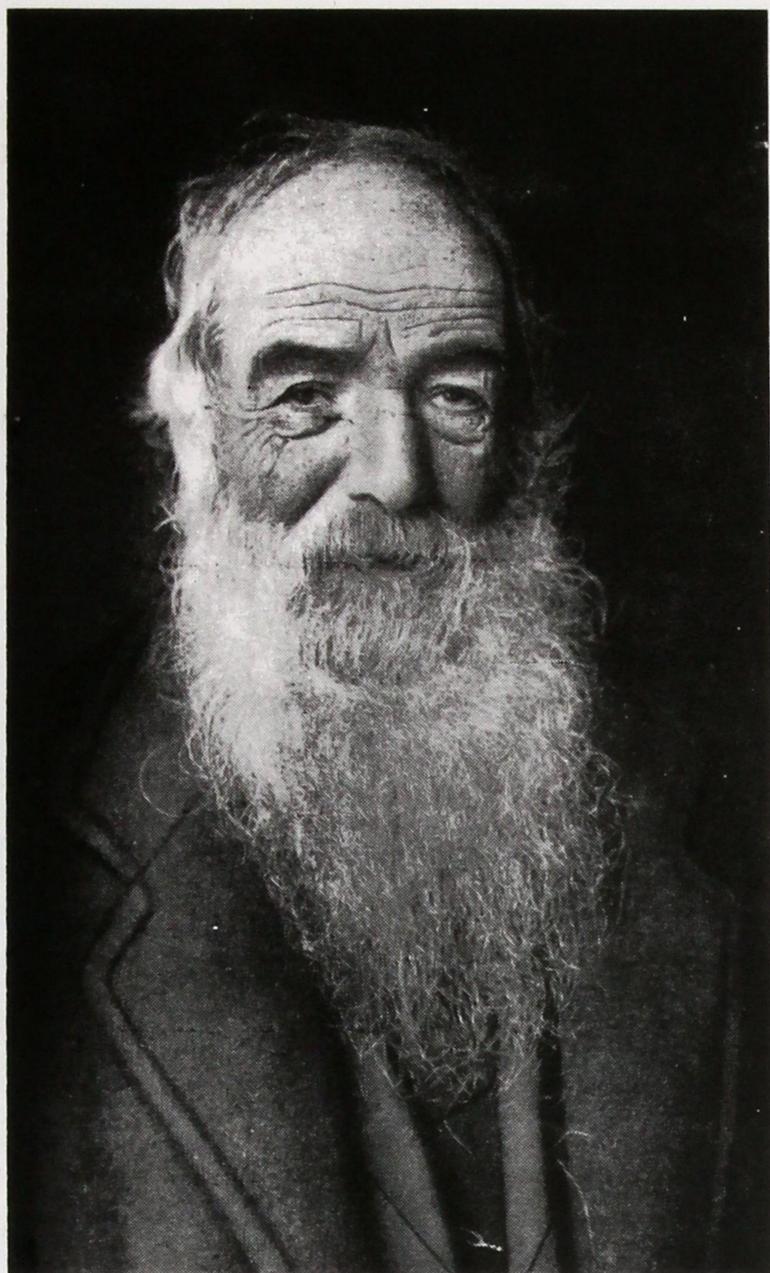


GENTE DE MAFAMUDE

O SR. JOSÉ TEIXEIRA



JOSÉ JOAQUIM TEIXEIRA LOPES
(1837-1918)



D. Raquel, esposa de J. J. Teixeira Lopes
(1840-1912)

Des. por António Teixeira Lopes.

Pelo nome, tão simples e banal, que intitula este artigo, só quem tenha vivido em Mafamude há certas dezenas de anos poderá pôr o dedo na pessoa a quem pertenceu. Mas, se se disser o nome todo — José Joaquim Teixeira Lopes — não há quem não saiba que se trata de um artista e pai de dois outros artistas, um escultor, como ele, e o outro arquitecto. Chamavam-lhe assim, resumidamente, um tanto carinhosamente, os mafamudenses do seu tempo. Já foi chamado às páginas d-O TRIPEIRO pela pena prestigiosa do seu digno director e eu também já me ocupei dele em *O Comércio do Porto*. Mas, se bem que nada haja a corrigir nem seja preciso acrescentar ao que ficou dito pelo sr. dr. Magalhães Basto, só pelo prazer que dá falar de homens assim, não resisto, eu também, com vénia do sr. dr. é claro, ao apetite de dedicar nesta revista, repositório, como se sabe, de notabilidades do Porto e seus arredores, quaisquer palavras a este homem que foi notável em Mafamude, como no Porto, como em todo Portugal. Além disso, muito me custaria deixá-lo fora desta secção onde eu, com a minha pouquidade de espírito, faço por dar relevo à «Gente de Mafamude». Ele não foi de Mafamude por nascimento, pois que veio das terras transmontanas, de S. Mamede do Tua, a procurar ambiente para o seu temperamento de artista, que quase desde a infância o dominou e o levou, no dealbar da mocidade, a espalhar imagens de santos, ainda hoje apreciadas, nas igrejas da sua região. Mas fez de Mafamude sua terra adoptiva e os mafamudenses o tiveram e prezaram como se dali fosse, nado e criado. Teve uma ausência no estrangeiro para se aplicar ao estudo de modelação e à técnica da cerâmica, que também o seduzia. Não foi muito aturado o seu estudo, porque a vida o reclamava para trabalhos de interesse, com que fosse útil aos seus e aos que, sem serem seus, necessitassem da sua ajuda. No regresso, fundou a fábrica de cerâmica que mais tarde, com a colaboração de António de Almeida Costa, verdadeiro génio industrial, e não sei se de mais alguém, viria a ser a colossal Fábrica de Cerâmica das Devezas. Nessa fábrica exerceu a sua actividade, fecundíssima em estatuária monumental e em trabalhos de miniatura, cerâmicos, próprios para ornamento de salas.

O sr. José Teixeira — José Joaquim Teixeira Lopes — teve duas facetas, ambas muito pronunciadas: a de artista e a de bom homem. Não vou, evidentemente, apreciá-lo na primeira destas facetas, tarefa essa que estaria muito acima dos meus conhecimentos na matéria. Mas não deixarei de dizer o que na sua obra fere a minha sensibilidade de ignorante. Não olho para as deficiências de modelação que outros lhe notam, derivadas da pouco aturada escola a que pode dedicar-se. Se não foi um grande modelador como, por exemplo, o seu filho António, foi óptimo perscrutador da alma do modelo, e é isso para que eu olho. Na estátua de D. Pedro V, *verbi gratia*, feita quando ainda não tinha escola de modelação, onde há quem veja e critique anomalias de estrutura, eu não olho a isso, só vejo uma figura de rei, ressumando majestade, inconfundível com qualquer homem banal. E, nos traços do rosto, vejo a expressão de um meditativo, tal como foi o «Bem-

-Amado». No retábulo do altar-mor da igreja de Mafamude, que me dizem ser obra sua e quero acreditar que o seja, embora não lhe conheça mais trabalho algum em pintura, são fáceis de ver erros de técnica, como seja na distribuição da luz, derramada da lua cheia no firmamento e do facho aceso na mão de um frade. Mas a figura central, S. Cristóvão gigante, é bem um santo e um gigante. Não sei como melhor se possa exprimir a bondade unida à força. Da mesma forma as outras figuras exprimem bem o que são e representam. É ver a ansiedade que se estampa na atitude do monge que ergue o facho e é ver a doçura calma, mais divina que humana, da criança que o gigante leva no ombro e é, diz a lenda, nada menos que o Menino Jesus. Ouvei dizer que serviu de modelo para o desenho desta criança o filho mais novo do artista, o José, que depois foi arquitecto, toda a vida bom, e meu saudoso amigo, da minha idade, pouco mais ou menos. Na minha impressão, a obra de Teixeira Lopes, pai, tem muita arte e muita sinceridade.

Na faceta de bom homem do sr. José Teixeira, muito teria eu para dizer e vontade de o dizer. Mas, por isso mesmo, por haver muito para dizer e não ser possível dizer tudo, ficarei com dizer pouco; tanto mais que ainda deve andar na memória dos mafamudenses, se não por conhecimento directo, por transmissão da geração passada, a bondade deste bom homem e outra bondade igual à dele, a doce bondade de sua esposa, a senhora Raquel — tinha *Dom* por nascimento e criação, mas desdenhava dele, até



Rapaz a deitar uma estrela
Trabalho de J. J. Teixeira Lopes.

não gostava que lho antepusessem ao nome, talvez por o ver mal aplicado em certas outras pessoas. Era senhora muito espiritualosa e dizia que o *dom* pertencia aos sinos. O sr. dr. Magalhães Basto, ao trazer José Joaquim Teixeira Lopes a estas colunas, fê-lo acompanhado desta adorável senhora, *noiva* dele até à morte, e transmissora, em parte, da bondade que o exornava. Ele e ela completaram-se na expressão mais alta do amor ao próximo. Ambos se igualaram na vontade de fazer bem e sei que sofriam quando essa vontade não podiam satisfazer. A fábrica das Devezas foi porta aberta para acolher, pela mão dele, sabe Deus quantas vezes tendo de contrariar o bom senso do sócio, necessitados de trabalho para ganhar o pão. A casa dele, na Bandeira de Baixo, nesse tempo modestíssima habitação e agora o soberbo edifício onde se instala a Casa-Museu de Teixeira Lopes, era procurada por todos que tinham queixas da vida e dali ninguém saía sem uma consolação, quando não fosse material, do espírito. Porque o bemaventurado casal tinha o condão de consolar por palavras e não deixar sair alguém da sua presença com o coração oprimido.

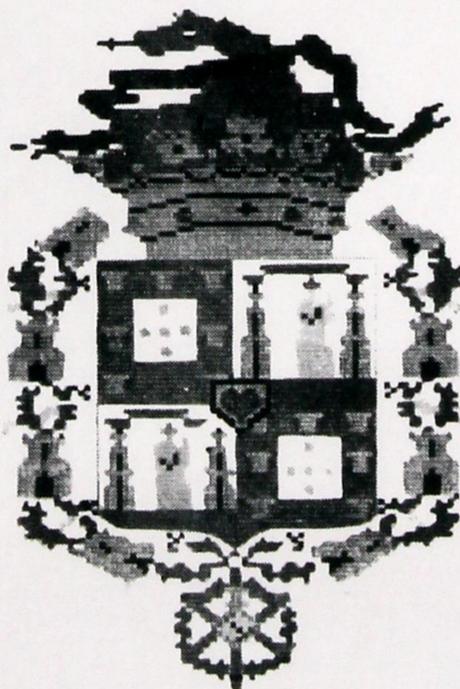
Eis o que me resumo a dizer do sr. José Teixeira, ou melhor, do sr. José Teixeira e da sr.^a D. Raquel, na faceta, comum aos dois, de bom homem e boa senhora. O que fica omissso, será fácil tirar-se pelo que fica dito. A vida seria bela se a Humanidade se aferisse pela bitola deste casal.

EMÍLIO CASTELO BRANCO.

Um trabalho de mérito

O sr. dr. António Alvaro Dória, com uma amável dedicatória ao seu «querido O TRIPEIRO», acaba de distinguir-nos, «como lembrança comemorativa do escudo de Garrett, infelizmente substituído» (1), com a oferta de uma bela e grande reprodução a cores, executada totalmente a tipo de máquina dactilográfica, das antigas armas da cidade (as que a nossa revista usa no seu cabeçalho), trabalho que indiscutivelmente revela, além da mais beneditina das paciências, o raro mérito artístico deste nosso distinto amigo, já autor de outros trabalhos do mesmo género.

Sensibilizados com a oferta do tra-



Brazão de armas do Porto — trabalho de dactilografia.

balho em referência — cujo valor os nossos estimados leitores não podem infelizmente apreciar pela gravura, muito reduzida, que acompanha esta local —, aqui deixamos os nossos melhores agradecimentos ao sr. dr. António Alvaro Dória.

NOTA:

O nosso amável ofertante quer referir-se ao escudo do Porto, para cuja modificação e heráldico enriquecimento tanto contribuiu o amor que o genial autor do «Frei Luis de Sousa» tinha a esta sua querida terra natal, e não, como é óbvio, ao próprio escudo de Garrett.